

A Exposição Museológica Como Estratégia Comunicacional: o tratamento museológico da herança patrimonial.

Marcelo Bernardo da Cunha - Universidade Federal da Bahia – UFB; Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologia- ULHT -Lisboa

RESUMO: O texto analisa questões relativas às exposições museológicas, considerando-as como uma estratégia comunicacional relacionada às estratégias de preservação de patrimônios e sua difusão. Considera aspectos teóricos e conceituais relacionados à sua produção, atentando para o caráter ideológico das mesmas, ressaltando a importância do público nesse processo, sendo primordial que se considere a pluralidade de visitantes e interesses relativos a cada tema e exposição.

PALAVAS CHAVE: museologia; museus; exposições; patrimônio; comunicação

ABSTRACT:

This text analyses issues related to museological exhibitions as a communicational strategy related to patrimonial preservation and its diffusion. It also considers theoretical and conceptual aspects related to its production, taking into consideration its ideological character, as well as the importance community has in this process. It is primordial we consider the variety of visitors and their interest on the theme and on the exhibit itself.

Key words: museology; museums, exhibit, patrimony, communication.

As exposições museológicas articulam-se como um sistema comunicacional, com lógica e sentidos próprios, relacionados aos fatos e bens sociais, entendendo que se diferem de quaisquer outras por seu caráter e preocupação com práticas preservacionistas. Quando falamos em exposições museológicas somente podemos concebê-las relacionadas à pesquisa e à ação cultural, sistematizadas em dois grupos básicos: Salva-guarda

(coleta/estudo, documentação, conservação e armazenamento) e Comunicação (exposição, projetos educativos, ação sócio-educativo-cultural e avaliação).

Neste sentido, pensando a exposição como uma estratégia de um plano preservacionista, entendemos a exposição museológica como um texto, com uma infinidade de interfaces que se estabelecem e se relacionam permitindo diversas “leituras” do seu conteúdo. Leituras que se dão na interação entre o programa e objetivos institucionais (idéia/proposta original), bem como nos aportes do visitante que observa e interage com o que vê, elaborando e reelaborando seus conceitos sobre o tema apresentado. Daí partimos do pressuposto que a exposição museológica caracteriza-se como um discurso, uma estratégia informacional em um contexto de comunicação, realizada por instituições e indivíduos com o objetivo de reforçarem uma idéia, uma proposta conceitual, um projeto de preservação de referências patrimoniais.

Como em um texto, as exposições são construídas com diversos elementos e sinais distintivos. Há na sua composição um ritmo, uma gramática, uma sintaxe, que se evidenciam na articulação de seus elementos. A leitura de uma exposição permite que sejam percebidas ênfases, proposições, metáforas, e tal leitura não será uniforme, pois dependerá do grau e nível de interação de cada indivíduo com o tema e elementos que se apresentam.

Expor é revelar, comungar, evidenciar elementos que se desejam explicitar, e este desejo pode estar relacionado a um momento histórico, uma descoberta científica, uma produção estética, um ideal político. Neste sentido, as exposições nos colocam diante de concepções, de abordagens do mundo, portanto, expor é também propor. Exposições são traduções de discursos, realizados por meio de imagens, referências espaciais, interações, dadas não somente pelo que se expõe, mas inclusive, pelo que se oculta, traduzindo e conectando várias referências, que conjugadas buscam dar sentido e apresentar um texto, uma idéia a ser defendida.

Outro ponto a destacar é que uma exposição será sempre um “seqüestro” de elementos abstraídos do cotidiano, presente ou passado, em um processo de ressignificação, uma vez que os objetos, ao serem introduzidos no espaço da exposição, passam a integrar um novo sistema de referências, por vezes em composições inteiramente novas e inusitadas.

Este é um ponto importante a ser observado já que os objetos são elementos básicos do nosso processo cognitivo. Logo, as exposições envolvem três ordens de sentido:

1. a linguagem – universo da lei convencional do símbolo
2. o ícone – universo da representação, da analogia, da semelhança
3. o índice – universo da vizinhança, da metonímia, da topologia do sentido. [...]

Toda esta abordagem, na verdade, tem como pano de fundo uma questão, a informação, o que implica na exata definição de que tipo de informação se está tratando e qual o alcance que se quer dar à mesma. Definir se a intenção é apenas ficar no espaço da informação ou avançar para o estabelecimento de um ambiente de comunicação que propicie uma sociedade do conhecimento, o que implica não mais a produção descomprometida e o recebimento passivo de uma grande quantidade de informações, mas sim, em uma qualificação da informação e sua transmissão, que permita o desenvolvimento de ações e mudanças. Nessa perspectiva a exposição museológica deve ser pensada como um instrumento para a produção e difusão de conhecimentos. Caso contrário, será, quando muito, instrumento de divulgação/informação e com este sentido, deve apresentar-se como espaço para a problematização.

Uma exposição é um local onde se concentram e circulam idéias, sua produção resulta da manipulação de conceitos e referências, e dos objetos disponíveis para sua explicitação, além de todo um corpo de elementos de apoio, como gráficos, etiquetas, legendas, textos, em uma composição aberta à interpretação e reinterpretação de todos aqueles que com ela entrarem em contato. Vale lembrar que por seu caráter público, seu quadro de visitantes é dos mais heterogêneos, composto de diversas faixas etárias, níveis econômicos e intelectuais etc. Surge daí o desafio de que possa ser compreendida, ou melhor, que seja revestida de sentido pelo maior número de espectadores quanto possível.

Tal diversidade impõe que as exposições sejam construídas considerando a multiplicidade de entendimentos e anseios dos visitantes, reforçando este desafio o fato de que a leitura realizada pelo visitante implica aferições sobre o que está vendo e sobre a forma como está vendo, incluindo o agenciamento espacial, o mobiliário utilizado, os textos existentes, as cenas apresentadas, bem como a percepção das ausências, das reticências. Sua cognição se dá no momento em que o indivíduo identifica os elementos

ali apresentados e os relaciona ao seu universo de referências, ao seu sistema de crenças, que vem a ser o conjunto de referências e categorias com as quais interpreta e classifica o mundo, podendo neste momento, por outro lado, ampliar este mesmo sistema de crenças pessoais. Razão pela qual

se ex-por, é sempre pro-por, visitar uma exposição é com-por, nos dois sentidos deste termo: aquele de produzir uma combinatória, e aquele de acomodar-se.

Acomodar-se: pactuar, negociar. Visitar uma exposição, é negociar sua relação com o exposto (e então, necessariamente, com quem expõe). Sendo este último, de uma forma ou de outra, um enunciador institucional da cultura, e é sua relação com o saber que o indivíduo, por exposição inter-posta, negocia.¹

Convém ressaltar que a exposição não deve ser entendida como o fim do museu, mas como um veículo de extroversão do conhecimento, uma ferramenta para se estabeleça uma interação permanente com o público, ou melhor dizendo, com os públicos do museu. Por isso mesmo, uma boa exposição deverá estar baseada em um eficiente sistema documental que lhe embase os conteúdos, em excelente programa de conservação que possibilite ao museu cumprir seu papel preservacionista do patrimônio, sendo necessário também, um amplo programa de ações culturais e educativas, dando sentido a sua existência, entendendo-o como um espaço a ser utilizado para o desenvolvimento social, para a elaboração e re-elaboração de identidades e afirmação de cidadanias. Assim, o museu entendido como instituição democrática tem o papel primordial de explicitar conhecimentos por meio dos diversos recursos que dispõe socializando-os, colocando-os ao alcance de todos os cidadãos.

De fato, as exposições não são o único veículo de disseminação de conhecimentos através dos museus, havendo ainda a possibilidade de recorrer-se à publicação de periódicos, elaboração de vídeos e programas educativos e tantas outras mídias. No entanto, pelo seu caráter dinâmico, a exposição configura-se como veículo de grande eficiência para atingir o público, uma vez que se torna o mais democrático, partindo-se da premissa de que as exposições são “abertas ao público”, estão “prontas”, aguardando que o visita aborde o seu ambiente.

Considerando-se a exposição museológica como um espaço privilegiado na inter-

¹ Idem, p.21.

relação público-instituição, em um processo de geração de conhecimentos, vemos a necessidade de que estas exposições realmente estejam baseadas, em sua produção, num processo que não tem início no momento de instalação dos objetos no espaço expositivo, mas sim em momento bem anterior, o da sua produção, buscando compreender toda a trajetória histórica dos objetos que compõem o conjunto do acervo da instituição. Tal tarefa exige equipe inter e multidisciplinar, bem como recursos materiais e tecnológicos diversos.

Outra questão que deve nortear a reflexão sobre as exposições museológicas é que o museu deve estar empenhado na busca permanente de conhecimento à qual nos dedicamos do início ao fim de nossas vidas, busca essa movida pelo prazer de conhecer e ânsia pela transformação permanente das nossas condições de existência e que se relaciona à nossa sobrevivência no mundo e à emoção de aprender e apreender o mundo. Não podemos perder de vista, igualmente, que o museu, através de suas exposições, recria o real, caracterizando-se como um espaço do arremedo e, às vezes da idealização, sendo a realidade ali apresentada filtrada por olhares e compreensões (ou muitas vezes, pela incompreensão) que os seus idealizadores têm do fato abordado. Museus, pode-se dizer, trabalham também no terreno do fantástico, da interpretação, dos artifícios. Assim,

O museu pode criar, ponto a ponto, imagens fantásticas, que servem para reinterpretar as múltiplas faces do real - dando-lhe características inexistentes anteriormente, mudando ou exagerando suas características [...] o artifício da 'reconstrução' do real, tradicionalmente utilizado pelo museu, torna-se agora verdadeiramente uma 'criação', desde que o real não se encontra mais somente no mundo, ele está também no espírito do criador de imagens, seja ele o artista que cria a obra (considerada também objeto), ou aquele que planifica e realiza a exposição, o responsável pela programação virtual ou mesmo o visitante, que deve agora interagir com imagens semi-criadas, contemplando-as, ali 'navegando', processando através delas novos mundos, novos signos, novas dimensões.²

Voltando à questão do papel do museu e suas exposições como veículos que propiciam

² SCHEINER, Tereza. **Museologie et art : une relation imprecise**. SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E ARTE, Rio de Janeiro, 1996. Rio de Janeiro. p 122.

a difusão e produção de conhecimentos é necessário refletir sobre qual o caminho a escolher para a transmissão das informações contidas em um acervo. Vemos constantemente que visando explicitar conceitos e informações, as instituições museológicas em suas exposições tendem à utilização de textos o que faz com que, normalmente, haja um exagero na utilização desse recurso. Não podemos perder de vista que as exposições devem recorrer basicamente aos elementos sensoriais para a sua otimização, ou seja, não podemos pensar (como tem sido a prática) em exposições que mais se assemelham a livros (no sentido da ênfase na linguagem escrita) ilustrados. A linguagem escrita deverá estar presente como forma de apoio, e o desafio é procurar recursos que explicitem mensagens através de composição de imagens.

Ainda sobre os textos escritos, não podemos perder de vista que ao considerar-se os museus como espaços de democratização de conhecimentos, em uma sociedade com grande número de analfabetos nada mais ponderado do que relativizar a função da escrita como recurso para transmissão dos seus conteúdos. Pois, caso contrário, o museu continuará a ser um espaço de exclusão social. Mas, vale também considerar como postura a ser trabalhada a “alfabetização” do público, ou seja, ensiná-lo a compreender e a ‘decifrar’ a exposição museológica como um código visual, contribuindo para a transformação desta situação de exclusão.

No momento em que passamos a considerar a comunicação não mais como um sistema fechado dentro do esquema tradicional: emissão \Rightarrow recepção, mas sim, como um processo dinâmico que implica realimentação, encarando o discurso como um fato em permanente construção, se apresenta a indagação sobre como podemos ultrapassar os limites estáticos de uma exposição, para que se possibilite um real processo de comunicação.

Acreditamos que um passo fundamental para que se intensifique esta relação é exatamente passar a considerar de forma mais objetiva a relação que se estabelece entre público e objeto no contexto de uma exposição museológica. Nossa atenção deve se voltar para o acompanhamento dos visitantes no museu considerando quais os sentimentos expressos. Em trabalho sobre a apropriação da obra de arte pelo visitante (e aqui ampliamos suas considerações aos museus de forma geral) BRIÈRE³ tece algumas

³ BRIÈRE, Marie-Andrée. Le visiteur de musée et son appropriation de l'œuvre d'art. In:

considerações sobre as particularidades a serem observadas nesta relação.

Analisando um esquema geral utilizado para conceber o processo de tratamento da informação em uma exposição, a autora identifica quatro etapas: 1 - Atração do indivíduo para um objeto; 2 - Coleta de dados sobre este objeto; 3 - Tratamento dos dados recolhidos e 4- Elaboração de uma representação. Este modelo se apóia na idéia de que a cognição se dá em um processo de busca, estocagem, transformação e utilização da informação.

A autora apresenta outro esquema em que a apropriação da arte implica na: 1 - Localização de um objeto; 2 - Exploração, desconstrução deste objeto; 3 - Conceitualização do que é percebido; 4 - Qualificação do que é visto; 5 - Classificação do que é visto; 6 – Discurso sobre o que é visto e 7 - Modificações da forma de ver do indivíduo. Neste esquema há uma ligação entre Sujeito, Objeto e Contexto, pois pela análise da obra o sujeito transforma o objeto gerando sentido, sendo que as características da obra e o contexto da exposição serão essenciais neste processo.

Pelas questões abordadas aqui podemos afirmar que quando consideramos a exposição museológica como parte de um processo comunicacional, voltado para a disseminação de informação e produção de conhecimentos devemos considerar:

- A necessidade da pesquisa, para o amplo conhecimento dos objetos, e aqui entendemos o objeto como o resultado material das intervenções do homem e ainda toda a gama de referências imateriais que compõem um sistema de significações no qual estamos inseridos.
- Que o tratamento da informação depende da existência de uma equipe multidisciplinar e interdisciplinar, buscando-se alcançar as multifaces dos objetos estudados e assimilados.
- Necessidade da existência de uma estrutura que inclui recursos humanos, materiais e tecnológicos.

Neste processo, da pesquisa e tratamento da informação, passa-se então para a

LEFEBVRE, Bernard, ALLARD, Michel (dir). **Le musée** : un projet éducatif. Montreal : Logiques, 1996. 318p.

elaboração de um “texto visual”: a exposição que, a partir da exploração do sensorial, vai buscar produzir mecanismos de elaboração mental e produção de conhecimentos. A exposição deve ser entendida, então, como um espaço de diálogo entre aquele que investiga um determinado fato – o pesquisador/museólogo e os diversos públicos do museu.

Buscar atingir a eficiência da exposição enquanto veículo de comunicação implica em conciliar os vários discursos que envolvem um determinado tema. Para tal é imprescindível que se observe questões relacionadas à coleta e processamento de informação, seu arranjo em um espaço específico, as demandas dos públicos e os possíveis desdobramentos que a partir da realimentação informacional vão gerar novos conhecimentos.

Chegamos assim a outra questão: a dos significados atribuídos à instituição museu em si. Entre nós, no senso comum, os museus são relacionados a mausoléus, cemitério de objetos, espaços destinados à reserva e recolhimento de velharias e coisas que representam o passado, que testemunham um tempo romantizado ou, ainda, representam indivíduos que alguma importância tiveram em determinado tempo e espaço social. Tal imagem foi construída historicamente por uma prática museológica voltada para a exaltação de indivíduos, para a construção de imagens relacionadas ao culto do herói social, da apologia a determinadas estruturas sociais, recorrendo-se aos objetos e imagens deles decorrentes para a ênfase a determinadas categorias com preservação desejada. No entanto, vem ocorrendo mudanças de posicionamento em relação a esta abordagem em favor da compreensão do museu como espaço de convivência e aprendizagem, como um local em que ocorrem relações entre indivíduos e entre indivíduos e objetos.

O museu e suas exposições devem ser entendidos como locais em que se processa nossa cognição, em que exercitamos nossa capacidade de leituras do mundo através de referências materiais e as possíveis articulações e arranjos de interação. O museu se estabelece, então, como local privilegiado de exercícios semióticos, pois, se a todo momento estabelecemos relações com objetos e imagens construindo nossas abordagens e relações com o mundo, nele há como intensificar esta relação, propondo visadas e direcionando a atenção por sobre elementos específicos. O caráter teatral das salas de

museu acaba por destacar determinados elementos que no cotidiano passam despercebidos dos nossos olhares e da nossa observação, ou mesmo por que não fazem parte do cotidiano, pois referem-se a elementos distantes da realidade vivenciada por cada um.

O espaço expositivo do museu cria articulações de objetos em montagens cênicas, em composições que combinam objetos e imagens auxiliando na percepção, nos sentidos, provocando sensações estimuladoras da memória e, dessa forma, aguça a sensibilidade, originando um processo de realização de nexos e estabelecimento de conexões que levam à produção de conhecimentos. Os sentidos disparam o intelecto e desta forma potencializam o processo de cognição.

Nessa conjunção de sentidos os objetos são elementos chave para a ação museológica entendidos como referências, índices, elementos que marcaram e marcam a realidade, compondo-a, entendidos como depositários que são de referências simbólicas, de possibilidades de interpretação, marcas de eventos, de indivíduos, de representações de categorias e de crenças. Por conta disso, o mundo dos museus é aquele das idéias materializadas em objetos para a concretização dos discursos de convencimento, mas que vai em busca da explicitação de fenômenos e categorias em um espaço da artificialidade, onde o que conta é a capacidade dos seus idealizadores e mentores em comunicar conceitos através do estímulo dos sentidos, bem como a capacidade de seu público em interpretar mensagens.

Objetos aí são arranjados explorando-se várias formas de compreensão e cognição. Expostos para evidenciar, explorando-se similaridades e diferenças através de justaposições e comparações. O discurso ou narrativa construída pela exposição museológica a partir de objetos pretende ser dirigido por uma condição intrínseca ao tipo de construção – podemos dizer, sintática e semântica -, imposta pelos elementos que a compõem, no entanto, essa ‘linguagem’ vai se encontrar com a diversidade de modos de percepção do que se expõe, exatamente porque a percepção e a compreensão dependerão do grau de familiaridade que cada indivíduo tenha com os códigos ali apresentados. Pois, ao longo de toda a nossa vida construímos a nossa relação com o mundo através dos objetos dentro de um determinado sistema cultural, o que nos

permite o estabelecimento de nexos muito particulares, não generalizantes, pelos quais atribuímos significados, sendo a linguagem elemento essencial nesse processo.

Construímos passo a passo nosso próprio mundo através da cultura que adquirimos, aprendendo a nominar os objetos que nos cercam, classificando-os através de critérios e regras que o meio propõe: forma, cor, peso, funções, critérios estéticos.⁴

O processo de socialização pelo qual cada um de nós passa se dá, entre outros meios, através da manipulação de objetos e seus significados, contextualizados em um sistema de objetos, no qual há lugar para aqueles considerados prestigiosos, para os que devem ser evitados ou os que têm pouca importância. Partindo de um rol inicial de objetos considerados como inerentes e significantes para seu grupo, cada indivíduo passa a construir e relacionar-se com novos objetos, por vezes repetindo gestos e adoções esperados e previsíveis, por outras vezes inovando por conta de novas experiências e aquisições, notadamente aquelas dadas fora do seu grupo social básico.

Este é um ponto de entendimento de umas das funções dos museus: a função de lembrar qual o sistema de objetos que deve ser apreciado, mantido, explicitado. Com este objetivo o museu é entendido como instituição encarregada em fazer lembrar e, assim, impedir, na medida do possível, que o esquecimento tome conta das pessoas, definindo quais objetos podem identificar este ou aquele grupo. Paradoxalmente, por complementação e consequência do lembrar, contribuem para o esquecimento, no momento em que se constituem como espaços que negam objetos quando não os incluem na memória oficial coletiva, quando realizam e colaboram na criação de uma imagem oficial dos grupos sociais. Na medida em que o museu se estabelece como instituição que evidencia fatos ocorridos por meio de objetos e seus signos e por sua simbologia, por outro lado estimula o esquecimento daqueles fatos e objetos que foram preteridos, por vezes pulverizando elementos não expostos em suas salas.

Mais uma questão vem à tona quando se trata da vinculação do sistema dos objetos dentro do museu. Se há formas de interpretação dos objetos que fazem parte de nossa vivência particular, no museu há, por outro lado, muitas vezes, o contato com objetos

⁴ GONSETH, Marc-Olivier. Le miroir, le masque et l'écran. In: LE SALON de l'ethnographie. Neuchatel : Musée d'ethnographie, 1984. p.14

que em nada se aproximam dessa vivência, pois o museu é um espaço que possibilita, também, contato com objetos que não têm nada a ver com nossa experiência, aqueles que já foram retirados do circuito de uso, ou que são provenientes de um tempo ou espaço completamente estranhos a nós, provocando reação de estranhamento que desafia o nosso entendimento:

Estes objetos fora do tempo e fora do espaço agem sobre nós, nos impressionam. São a prova tangível que nosso mundo foi criado por outros [...] testemunham que existem outros saberes e outros criadores, nos deixam desarmados face a seu silêncio de objeto. Felizmente a arqueologia, a história, a antropologia [...] debruçam-se sobre este silêncio, ajuntando-lhe um texto, recriando-lhe um contexto. Mas constatamos que estas disciplinas [...] recriam o passado do objeto em estreita relação com o seu próprio presente, modificando-lhe o texto a cada novo olhar sobre eles.⁵

A familiaridade com os objetos, ou a falta dela, será, portanto, responsável pelo entendimento da mensagem que se quer comunicar. Os nexos se realizarão a partir do processamento das informações recebidas pelo espectador, em seu sistema de referências simbólicas, seu sistema de crenças.

Neste sentido, caberá aos técnicos dos museus, aqueles responsáveis pela planificação das exposições, a identificação de signos que sejam representativos dos fenômenos ali explicitados. Nos museus, os arranjos são intencionais, tudo decidido e sabiamente programado, afim de instruir e impor, um certo passado, uma certa memória.⁶

Uma questão importante recai sobre a dificuldade em prever as interpretações e quais serão os níveis de entendimento do que se expõe, num universo vasto de capacidades e potencialidades de entendimento, condição reforçada pelo deslocamento do objeto de sua origem e função uma vez que foram retirados do seu ambiente de origem e recontextualizados num ambiente museal que proporciona novas significações. Trata-se de outro e novo sistema de referências que denominamos *sistema da informação museológica*.

Tal situação requer atenção, pois este novo cenário traz em si referências completamente alheias ao objeto. Nesse ponto é que idealmente o projeto museográfico intervém procurando equilibrar os paradoxos e ambigüidades inerentes a essas

⁵ Idem p.15

⁶ DAGOGNET, François. **Le musée sans fin**. Creusot : Champs Vallon, 1993. p.19.

transposições de um ambiente para outro, o ambiente-museu. Do ambiente “natural” do cotidiano, para o ambiente artificial das salas de exposição.

Apesar destas dificuldades – verdadeiros desafios -, o museu deve ser entendido e produzido como um espaço de encontro de referências, de explicitação de abordagens sobre determinadas questões, facilitador de repostas para os mais diversos questionamentos e sínteses, novas referências e, até mesmo, mudanças de posição, como no caso de posturas preconceituosas sobre determinado fenômeno cultural.

Deve o museu, em essência, constituir-se como um espaço que forneça subsídios para a transformação das idéias, dos indivíduos, dos conceitos, da sociedade. Uma instituição que funcione como local do diálogo intercultural, como espaço da democratização dos conhecimentos, em que se apresentem visões diferenciadas acerca de um mesmo problema, de uma mesma questão. Em que se permita o falar e o escutar, em que se estabeleça e propicie, ou melhor, se estimule o diálogo. Um diálogo que historicamente esteve ausente mesmo em museus de base etnográfica.

Postura pretensiosa e talvez utópica, mas somente esta abordagem justifica que tantos esforços sejam dispensados à manutenção de tais instituições e suas coleções, bem como no desenvolvimento de programas de estudo e documentação de tais acervos e ainda à sua divulgação, através de exposições, catálogos, e tantos outros meios de difusão da informação.